

Pensando o contexto do aluno
a partir da leitura e da literatura:
uma análise do trabalho com o livro
A menina que veio de longe
da autora Andréa Ilha

*Thinking over Student Context
from Reading and Literature:
A Work Analysis with the Book A menina que
veio de longe, by Andréa Ilha*

259

Marlise Buchweitz Klug*
Universidade Federal de Pelotas - UFPel

Rosimeire Simões de Lima*
Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul - Seduc-RS

Tatiana Bolívar Lebedeff*
Universidade Federal de Pelotas - UFPel

RESUMO: O trabalho analisa o resultado de uma atividade desenvolvida com o livro infanto-juvenil *A menina que veio de longe*, da escritora Andréa Ilha, em turmas do Ensino Médio de duas escolas localizadas no município de Piratini / RS. Esse trabalho de leitura na escola realizou-se durante o ano de 2013. Foi dada ênfase ao papel do aluno como leitor e como

* Doutoranda em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas.

* Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pelotas.

* Doutora em Psicologia do Desenvolvimento pela Universidade Federal de Pelotas.

responsável por mudanças em seu meio social e cultural. Também são pensadas questões sobre a memória e a interferência do indivíduo em seu contexto a partir das leituras e reflexões que faz em sala de aula. Discute-se o papel da literatura como mediadora da aprendizagem dos alunos e como meio de refletir a realidade. Como resultados foram observados produção escrita e visual dos alunos e um engajamento nas atividades propostas, além da contribuição de leitores reais para os textos escritos pelos próprios alunos.
PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Leitor. Memória. Literatura na escola.

ABSTRACT: This paper analyzes the results of an activity developed with the book *A menina que veio de longe*, from writer Andrea Ilha, in High School classes in two schools located in Piratini / RS. The reading activity in school was developed during the year 2013. Emphasis was given to the role of the student as a reader and as responsible for changes in their social and cultural environment. Are also thought issues about memory and someone's interference in his social and cultural context after readings and reflections he makes in the classroom. So, the idea is to discuss Literature's role as student learning process mediator and as a way of reflecting about reality. As a result production of written and visual material and students' engagement in the proposed activities were observed, and also the contribution from real readers to their texts.

KEYWORDS: Reading. Reader. Memory. Literature at school.

Introdução

O papel do professor é fundamental na atual configuração complexa das escolas brasileiras, no sentido de que há uma necessidade de conectar o aluno à sua realidade através do conhecimento intermediado pela escola e, no sentido de que é necessário induzir o aluno a um saber plural. Pensando nessa perspectiva, verificou-se a necessidade de desenvolver um ambiente de trabalho que pudesse fazer o aluno pensar sua realidade, que o fizesse se sentir acolhido e que lhe possibilitasse aprender a lidar mais tranquilamente com os problemas que lhe afligem, por meio da literatura.

Candido (1965) define “a literatura [...] [como] um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre” (1965, p. 24). Para Bakhtin (2011), ela é “[...] parte inseparável da cultura, e não pode ser entendida fora do contexto pleno de toda a cultura de uma época” (2011, p. 360). Assim, a partir destes dois autores, reflete-se sobre a questão autor-texto-leitor na perspectiva da cultura e da ambientação social em que ocorre.

Neste sentido, para Dutra (2009), pode-se, a partir de Candido, considerar o leitor também como produto social que representa a realidade de seu tempo:

[...] a relação do leitor com o texto impresso, e, antes deste, com o texto oral, mostra a relação dialética que existe entre ambos. Se por um lado a literatura influencia a sociedade - aqui entendida como uma representação coletiva do leitor como indivíduo - é válido dizer que esta, por sua vez, também influencia fortemente o processo de criação literária e produção de sentido do texto (DUTRA, 2009, p. 65-66).

Observa-se a partir da leitura das Orientações Curriculares para o Ensino Médio que

[...] a leitura de literatura tem-se tornado cada vez mais rarefeita no âmbito escolar, seja porque diluída em meio aos vários tipos de discurso ou de textos seja porque tem sido substituída por resumos, compilações. Sendo assim, é necessário e urgente o letramento literário ser repensado no sentido de dotar o educando da capacidade de se apropriar da literatura, tendo dela a experiência literária, uma experiência com foco no patrimônio cultural e artístico local (BRASIL, OCEM, 2006, p. 55).

Numa relação dialética entre texto e leitor, pode-se também remeter ao autor que é alguém que “[...] vê, conscientiza e avalia antes de tudo aquilo que está mais próximo do seu dia de hoje; ele [...] é um prisioneiro de sua época, de sua atualidade” (BAKHTIN, 2011, p. 364). Assim, uma “[...] obra literária pode ser entendida como uma tomada de consciência do mundo concreto que se caracteriza pelo sentido humano” (AGUIAR; BORDINI, 1988), sentido que num primeiro momento é dado pelo autor, mas através das relações de troca de significado entre leitores coloca-se em discussão o sentido do autor e juntam-se a ele os outros sentidos. Esses “[...] constroem-se discursivamente nas interações verbais na relação com o outro, em determinada esfera da atividade humana” (DI FANTI, 2003, p. 98).

Entende-se que n’*A menina que veio de longe* a autora busca fazer uma relação entre o eu e o outro, o conhecido e o diferente, ao trazer ao leitor a

história de Dulce, uma adolescente de 12 anos que vive diferentes mudanças de casa e, posteriormente, de cidade, que precisa sempre fazer novos amigos, conhecer e conviver com novos indivíduos em sua vida. Ao levantar algumas hipóteses de interpretação sobre o que isso acarreta na personagem, tais como tristeza, não pertença, enfim, a autora permite que o leitor relacione os fatos vividos pela personagem com suas vivências pessoais. Além disso, ao trazer elementos de paisagens de duas cidades diferentes - Belo Horizonte e Porto Alegre - pode induzir o leitor a relacionar seu lugar com estes e inclusive com outros. Ou seja, faz-se possível pensar a questão da alteridade e da subjetividade a partir das pistas dadas pelo livro.

Assim, este texto relata a experiência de trabalhar na escola de Ensino Médio um livro infanto-juvenil que, de alguma forma, pudesse tratar questões diversas da realidade dos alunos, fazendo-os focar no patrimônio cultural e artístico local, além das questões da alteridade e as da subjetividade do indivíduo. Cabe destacar que os alunos são pertencentes ao município de Piratini, no Rio Grande do Sul, cuja cidade também é conhecida como Primeira Capital Farroupilha, remetendo à época da Guerra dos Farrapos. Há em sua paisagem física edificações que datam desse período e há também uma necessidade de maior consciência em relação ao patrimônio material e imaterial do local, questões essas que exigem uma discussão mais ampla e não se configura objeto do trabalho, mas que motivam a fazer o professor refletir sobre a importância de trabalhar o lugar como parte da memória e da identidade dos indivíduos a ele pertencentes.

Esse trabalho realizou-se numa parceria entre os professores da área de Linguagens - uma das quatro áreas do conhecimento de divisão do currículo do Ensino Médio das escolas estaduais do Rio Grande do Sul. Tendo em consideração o fato de que uma das professoras de Língua Portuguesa participante do projeto também trabalhava em outra escola, pensou-se na possibilidade do trabalho conjunto e da oportunidade de permitir a alunos do interior um contato com a leitura e a autora. Pensou-se desde o início na

visita da autora como ponto culminante do trabalho, o que seria engrandecedor para os alunos.

Um dos fatores motivadores para a leitura do texto escolhido foi a perspectiva da visita da autora nas escolas e a possibilidade de falar com ela sobre a história e de fazer perguntas - fato que se concretizou ao final em novembro de 2013, ano no qual o projeto teve sua execução. Fez-se, previamente o contato para que se pudesse saber da viabilidade de um projeto dessa dimensão. Os custos ficaram a cargo de todos os professores envolvidos no projeto e houve contribuição por parte da direção das escolas participantes, de modo particular. Assim, cada professor da área de Linguagens trabalhou a leitura e produção escrita, visual e/ou audiovisual na sua turma, de modo que maior número de turmas pudessem ser contempladas. Sabe-se da dificuldade de trabalhos conjuntos, da resistência de parte do grupo, mas pode-se destacar a sintonia e adesão simultânea de todos, visto que há uma cultura de leitura permanente nas escolas, além da visão de transformação possibilitada pela literatura no contexto destacado.

Como objetivos do trabalho buscou-se, assim, propiciar um local de aprendizagem em que o aluno pudesse pensar sua realidade, através da literatura; resgatar o prazer estético pela leitura, provocar reações, estímulos, experiências múltiplas e variadas que permitissem compreender os significados da escrita e da leitura literária como instrumento de aprendizagem, revelando uma autêntica prática social e, também, fornecer ao aluno recursos intelectuais e linguísticos para a vida pública (BRASIL, OCEM, 2006); além de formar indivíduos que se sintam aptos a intervir no ambiente social em que vivem e atuar como responsáveis por modificações em contexto cultural.

Destaca-se que as comunidades escolares que participaram do trabalho estão localizadas nas áreas urbana e rural do município de Piratini, no sul do estado. A escola localizada na cidade é formada por estudantes da cidade e

do interior, de modo que o público discente é diversificado no sentido de faixa etária, condição socioeconômica e condição cultural, pois a escola é única na zona urbana em abrangência desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Já a escola da zona rural é apenas de Ensino Médio e possui, como alunos, moradores do entorno da escola, com condições socioeconômicas e culturais diversas, já que para muitos a biblioteca da escola é a única fonte de leituras.

Observa-se que nas duas escolas o índice de leitura por aluno é variável, pois há alunos que possuem o hábito de casa e têm muitos livros à disposição; outros adquirem o hábito na escola e buscam na biblioteca escolar suas leituras, outros ainda apenas leem o que é exigido em sala de aula. O trabalho contou com a participação de 150 alunos das duas escolas, sendo que na escola da zona urbana trabalhou-se apenas em turmas de 1º ano de Ensino Médio, e na escola do interior foi feito um trabalho no 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio, já que a população total dos três anos foi de 30 alunos. Destaca-se que na escola da zona rural a recepção da autora pelos alunos foi muito além do esperado, por se tratar de algo mais distante da realidade deles. Não que não tenha sido boa na outra escola, pelo contrário, mas a emoção e o entusiasmo em conversar com a autora foi maior entre os alunos do interior.

A narrativa escolhida, da autora Andréa Ilha, é a história da menina Dulce que precisa lidar com muitas questões desafiadoras e tristes em sua vida: mudanças - de uma cidade para outra -, despedidas - dos amigos que tanto amava e que ficam para trás quando os pais decidem mudar-se -, abandono por parte dos pais - pois estes escolhem ir morar em outro país e deixam-na aos cuidados da avó -, convivência com pessoas até então desconhecidas - Dulce cresce na cidade de Belo Horizonte e pouco contato têm com a família da mãe que mora em Porto Alegre, mas esse contato é intensificado de forma abrupta quando os pais decidem primeiro mudar para a cidade sulina e depois deixar a menina com a avó quando vão trabalhar no Canadá - e, finalmente, o

fato de ficar órfã, já que os pais eram usuários de álcool e por este motivo sofrem um acidente de trânsito fatal.

A ideia do trabalho foi baseada no projeto 'Autor na Escola' promovido pela Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul, mas em virtude de perca do prazo de inscrições, partiu-se para uma segunda ideia. Cada professor trouxe para discussão do grupo um livro que pudesse ser trabalhado com os alunos. A partir das diferentes possibilidades e interpretações de leitura, optou-se pelo livro *A menina que veio de longe* cuja autora já havia estado na Feira do Livro de Porto Alegre, tendo seu trabalho como contadora de histórias visto por alguns dos professores do grupo.

O trabalho realizou-se de junho a outubro de 2013, iniciando com a apresentação do livro e a compra de exemplares tanto por parte dos alunos que desejassem fazê-lo quanto por parte dos professores para empréstimo, ou leitura em aula. Ao longo do período os alunos foram convocados a ler, ou em casa ou em sala de aula (um capítulo por aula), conforme critério adotado pelo professor daquela turma, a produzir escritas que relacionassem suas vidas com as da protagonista do livro e, a compartilhar essas escritas, tanto em sala de aula como no Blog desenvolvido com este fim.

Relacionado à escrita, pode-se destacar que há um processo contínuo no trabalho do grupo de educadores quanto a essa habilidade. Ainda que sempre tenha alunos que não queiram participar da atividade escrita justificando não terem nada a declarar, as etapas foram sendo superadas conforme apresentadas, ou seja, conforme alguém postava um texto no blog, muitas vezes com comentário da própria autora, os demais se sentiam motivados a divulgar suas escritas e, inclusive, a fazê-las. Nesse sentido, pode-se destacar que “[...] não se considera necessário (nem possível) separar o aprender a escrever do escrever. Nem nas situações de uso da escrita nem nos materiais de leitura, essas duas etapas são separadas” (LANDSMAN, 2003, p. 38). De tal

modo que enquanto aprendiam a ler e interpretar o texto, os alunos também aprendiam a escrever ao se proporem a fazê-lo.

Quanto ao uso da tecnologia, o acesso é basicamente na escola para os alunos da zona rural. Porém, definiu-se que as atividades relacionadas ao projeto seriam coordenadas por um aluno da turma e realizadas em horário de aula. Assim, evitaram-se maiores problemas quanto ao impedimento de realização das tarefas propostas. Paula Sibilía (2012) discute o papel da escola no mundo hiper-conectado e faz o educador refletir sobre a inserção de diferentes suportes em suas aulas para uma aprendizagem mais efetiva. Por que continuar no molde de quadro-negro, professor detentor de conhecimento e aluno receptor do mesmo, se se pode olhar o professor como mediador de diferentes modos de relação com o mundo e com a aprendizagem?

Além disso, o blog serviu aqui como uma ferramenta de disponibilização dos textos dos alunos. Enquanto em sala de aula eles liam o texto de outro autor, no blog eles se colocaram como autores e puderam ser lidos. Assim, a literatura fez parte de suas vidas, permitindo o compartilhamento de vivências, memórias e sentimentos, ora ficcionais, ora reais, oportunizando a construção de novos conhecimentos e produção de novas inferências sobre os outros e sobre si mesmo.

O potencial transformador da Literatura

Através de uma análise do poema “Descoberta da Literatura” de João Cabral de Melo Neto, é possível perceber o quanto descobrir a literatura pode transformar a vida das pessoas, mesmo que, a princípio, inconscientemente. No poema, o filho do patrão fazia a leitura de textos para os trabalhadores do engenho às escondidas, pois essa prática não era permitida pelo dono do local. Assim, enquanto aos trabalhadores a leitura era lazer, aos patrões podia

ser definida como conspiração; para aqueles uma forma de libertação, para estes uma ameaça à ordem estabelecida.

Além disso, fica explícita no poema a relação autor-leitor, sendo que o texto passa à voz e interferência do leitor no momento em que a leitura é feita:

[...] a tensão era tão densa, / subia tão alarmante, / que o leitor que lia aquilo / como puro alto-falante, / e, sem querer, imantara / todos ali, circunstantes, / receava que confundissem / o de perto com o distante, / o ali com o espaço mágico, / seu franzino com o gigante, / e que o acabassem tomando / pelo autor imaginante / ou tivesse que afrontar / as brabezas do gigante [...] (NETO, 2008).

Sabemos, entretanto, que a descoberta da literatura é, de fato, algo transformador, capaz de confrontar a realidade e o imaginário, o local e o universal. Além disso, o leitor - nesse caso, um leitor oral, mas a relação com o leitor individual e silencioso é a mesma - pode ser confundido com o autor: há uma apropriação momentânea das palavras do autor na voz de quem lê. Já a produção de sentido do texto pelo leitor tem relação com o repertório de leituras e de vida, fazendo-se assim uma intertextualidade de contextos, textos e vozes de diferentes autores.

267

Quanto à produção de sentido, então, fazem parte do processo a interação do leitor com outros leitores, a relação com a alteridade e a intertextualidade. O objeto, no caso o texto, é assim “[...] ponto de interseção em que se encontram diferentes opiniões, distintas relações de sentido” (BAKHTIN, 2001, p. 300).

Além do caráter transformador da literatura em âmbito individual, também se tem a questão da influência da literatura na sociedade e vice-versa. Para Dutra (2009) são exemplos da influência da literatura na sociedade “[...] o caso do romance *O sofrimento do jovem Werther* do escritor alemão Johann Wolfgang Goethe” (p. 66):

[...] as Tristezas de Werther produziu tremendo efeito sobre o público alemão. Todos os jovens imitaram o casaco azul e o colete amarelo de Werther, e as moças adotaram o vestido branco e os laços cor-de-rosa de Lottchen.(...) Em alguns lugares, os admiradores mais sentimentais do livro foram ao ponto de organizar “Sociedades Werther para a supressão da vida”. Uma epidemia de suicídios dizimou a Europa como tributo ao gênio de Goethe (THOMAS, 1967, apud DUTRA, 2009, p. 66).

Em outra relação, a influência da sociedade na literatura. Para o autor,

“[...] optou-se pela literatura produzida entre as décadas de 1930 e 1950. O pós-guerra deu origem a uma literatura engajada ideologicamente quando escritores e intelectuais de todo mundo se uniram para combater, via palavra escrita, os regimes totalitários da época. [...] nesse período “a escrita ficcional teria passado a ser uma variante e, não raro, uma transcrição do discurso político ou da linguagem oral, de preferência popular.” Ou seja, temos a literatura se adaptando ao seu tempo [...] Caso emblemático é o romance *A Festa* (1976) de Ivan Ângelo, escrito nos anos 70 e que consiste em uma série de narrativas fragmentadas que refletem esteticamente o estado de confusão social do Brasil durante o período da ditadura militar. Renato Franco classifica a narrativa fragmentada de *A Festa* como “a expressão de um irremediável sentimento de catástrofe: ou antes, a escrita desta catástrofe” (DUTRA, 2009, p. 66).

Assim, as obras de Goethe e Ângelo seriam diferentes não apenas em relação à época em que foram escritas, mas também porque os leitores são diferentes. Isso demonstra que “[...] o leitor esteve sempre onipresente na história da literatura, pois, em última instância, é a este que todo texto se destina” (DUTRA, 2009, p. 66).

Ressalta-se que a leitura é uma atividade complexa, plural, um ato concreto de entendimento, reflexão, identificação e de interação, de deslocamento. Smolka (1989, p. 24) afirma que a leitura é um “processo de interlocução, delineada pela atividade discursiva, fundada em, e constitutiva das interações sociais”. Assim, o processo de leitura com as turmas foi constituindo-se aos poucos, intermediado pelas discussões em sala de aula e pelas produções imagéticas e escritas do livro, as quais possibilitaram contribuições dos colegas e permitiram ampliação das reflexões no grupo a partir dos

depoimentos particulares. Destacam-se as diferentes visões sobre o perfil da personagem Dulce: desde uma menina triste, abandonada pelos pais, ou deprimida como fatores causados pelo núcleo familiar e as decisões deste, até uma relação de sensações em relação com o lugar - a Porto Alegre fria do Sul do Brasil em contraposição com uma Belo Horizonte de temperaturas acima de 18° nos meses mais frios (WIKIPEDIA, [s.d.]).

Em contrapartida às análises do livro, os depoimentos particulares dos alunos conforme as leituras eram realizadas, também contribuíram para a consolidação de trocas de sentido mais significativas. A atenção ao relato do colega, o desejo de contar sua vivência e se fazer ouvir foram fatores importantes a serem observados durante o projeto. Um exemplo que se destacou entre os colegas foi o depoimento de um aluno que havia vindo para Piratini morar com seus avós enquanto os pais estavam em outra cidade à trabalho; em seu relato também as inquietações sentidas por Dulce, a perda dos amigos, a saudade dos pais, a dor da distância. A partir desse relato, houve inclusive mudança na atitude dos colegas com esse educando, já que passaram a integrá-lo mais ao grupo, pois sendo ele novo no lugar não havia ainda conseguido relações de amizade mais profundas.

Durante o processo, o professor como intermediador de um debate que ao mesmo tempo busca analisar a obra em seu sentido, bem como trazer múltiplas intertextualidades para o texto. Não só isso, o educador como valorizador de todas as opiniões, de todas as contribuições para a obra, e como leitor dos diferentes textos postados no blog, permitiu mais liberdade de expressão aos alunos.

Literatura e prática docente

Acredita-se que a prática docente não existe sem a leitura. Alguns alunos saem de casa às cinco horas da manhã e retornam a noite. São exemplos para

outros jovens e adultos que estão na mesma situação: simplesmente ser o aceno de um novo modo de inserção na comunidade e na família. O momento mais delicado por assim dizer surge quando lhes é solicitado que leiam livros. Além de um ou outro livro para leitura obrigatória escolhido pelo professor, sempre se deixa claro que ler é importante em suas vidas. Valorizam-se todas as leituras que fazem por conta própria: literatura infanto-juvenil, romance, espírita ou algo que seja do interesse. Pois o trabalho com a leitura possui o firme objetivo de inseri-los em outros contextos.

Neste sentido, incentivar o aluno a ler no contexto em que estão inseridos é uma maneira de trazer outras visões do mundo para eles. Pensando-se especificamente naqueles que não têm acesso a livros em casa, motivá-los a buscar na biblioteca é algo importante, apesar de que a biblioteca escolar ser restrita em livros literários. Muitas vezes, a indicação de algum livro ou o empréstimo por parte do professor faz-se prática comum para ampliar o repertório de leitura dos mesmos, bem como suas experiências leitoras e suas memórias sobre os livros e a Literatura.

Ao se pensar um projeto integrando professores e alunos, a partir da leitura, trazendo para a sala de aula questões que estão no dia-a-dia de cada um, acredita-se num aceno ainda maior para a reflexão e para a interferência de cada um de nossos estudantes em seu contexto, sua comunidade e sua família. Além disso, ao pensar em conjunto sobre questões que afligem, pode-se lidar melhor com elas e perceber que estas são compartilhadas por outros colegas e, muitas vezes, não ditas. Daí a necessidade do professor intermediar um trabalho que provoque discussões, reflexões, e que interfira nas questões não ditas, nos eventos não rememorados.

Umberto Eco (1989) sugere que a leitura “é uma máquina preguiçosa que pede ao leitor para fazer parte de seu trabalho” (p.55). Ao compreender assim a atividade do leitor, como um trabalho, paciente e exigente, com peculiaridades e dependente de uma manufatura pessoal que é justamente a

leitura, é possível entender esse processo longo que se buscou desenvolver dentro das salas de aula.

Ao debruçarem-se sobre o livro, os alunos acompanharam a trajetória da menina Dulce e articularam suas vidas a fatos da vida dela a fim de produzirem textos escritos com temas que tivessem alguma relação com os temas do livro: mudanças, perdas, amizade, família, trajetória escolar, depressão, leitura, entre outros que surgiram. Ao fazer essa relação, os alunos manifestaram sentimentos e emoções para alguns guardados, para outros apenas lembrados, mas ativaram através da memória suas histórias, suas particularidades e puderam de alguma forma lidar com elas ao ter o aval ou a descoberta da vivência compartilhada na leitura realizada.

Candau comenta que “os acontecimentos que recordamos, ordenados por um sistema racional no momento de sua evocação são nossa memória”, e ao evocá-la “configuramos para o presente um acontecimento do passado e temos a oportunidade de criar uma estratégia para o futuro” (2006). Os alunos, então, ao rememorarem suas vivências e trajetórias às vezes tão tristes quanto as da menina Dulce, criaram estratégias para lidar com elas ao tornarem-se escritores para leitores reais - a própria autora do livro que leu o blog dos textos e também os colegas e os professores.

A relação com as vivências de Dulce foi bastante intensa. Para uma das alunas: “[...] é meio chato essas mudanças, deixar os amigos de infância, conhecer novas pessoas e escola, novos horizontes. Em todos os lugares, conheci novos amigos e professores. Vejo que uma única pessoa me deu coragem e me fez perceber que sou capaz [...]” (GUTERRES, 2013). Em outro depoimento lemos que:

[...] imagina quando eu estava chegando à adolescência aconteceu isso, meu pai foi embora para Porto Alegre, e eu e meus irmãos ficamos com minha mãe. Ela é uma pessoa incrível, uma mãe

querida, legal, parceira, uma mãe protetora [...] mas nós sentimos falta do nosso pai [...] (SILVA, 2013).

Além disso, o entendimento sobre o papel dos livros na vida de Dulce fez com que alguns alunos refletissem sobre isso, conforme exemplo:

[...] Tomemos como exemplo a ser seguido o hábito de ler. A leitura enriquece, abre as portas para o universo vasto do conhecimento e da imaginação, nos proporcionando viajar, sonhar e quem sabe nesse mundo encontrar um pouco de consolo e algumas respostas para o que se está vivenciando. [...] (MOURA, 2013).

Moura (2013) busca entender o sentido da leitura em *A menina que veio de longe* e relacionar com o aprendizado que ficou para sua vida. Já que para Dulce ler era um hábito que a permitia pensar como as situações poderiam ocorrer, muitas vezes buscando apoio nas leituras para enfrentar as situações da vida:

[...] sempre que lia, quando era menor, algum livro em que tinha uma aluna ou um aluno que recém chegasse na escola, essa pessoa era linda. Além de linda, parecia sempre que esse novo estudante estava muito tranquilo, enquanto todos olhavam encantados para ele [...]. Mas a vida não é uma obra de ficção, então nem tudo o que acontece nos livros acontece na vida real [...] Dulce se viu plantada na frente de toda a turma, sozinha, assustada (ILHA, 2012, p. 14-15).

A viagem pelas páginas do livro trouxe também uma retomada à introspecção, ao aceitar o desafio da leitura e posteriormente relacionar como a atividade permitiu dar visibilidade e voz aos jovens que sentiram as angústias vividas pela personagem e se reconhecerem protagonistas de suas próprias histórias. Utilizaram suas trajetórias como caminho para a escrita e o livro como mote. Mesclaram suas memórias escolares, mudanças de escola, problemas vividos com amigos e outros inúmeros espaços existentes entre autor, personagem, situações que são comuns no cotidiano das pessoas - comparação que se faz em relação a outras vivências. Candau (2011) adverte que a memória recusa-se a calar, para o autor ela é imperativa, onipresente, abusiva, invasora, e

seu império deve-se à inquietude dos indivíduos e dos grupos em busca de si mesmos.

Em época de redes sociais, todos são envolvidos com a troca de mensagens, conversas, quando param para ler e enveredar pelo universo das folhas de papel de um livro o resultado pode ser imprevisível. Nos dias atuais, pensada essa leitura, é possível perguntar se ainda a literatura tem tanta força no “favorecimento da descoberta dos sentidos”, ou se, frente aos avanços tecnológicos, teria havido uma mudança na atividade cognitiva, alterando o leitor que o homem contemporâneo é capaz de ser.

Quanto à modificação radical dos processos de leitura e produção de sentido pelas tecnologias eletrônicas, Bordini e Aguiar (1988) comentam:

[...] todos os livros favorecem a descoberta de sentidos, mas são os literários que o fazem de modo mais abrangente [...] a literatura dá conta da totalidade do real, pois, representando o particular, logra atingir uma significação mais ampla [...] A obra [...] não é um mero reflexo na mente, que se traduz em palavras, mas o resultado de uma interação ao mesmo tempo receptiva e criadora. Essa interação se processa através de mediação da linguagem verbal, escrita ou falada. O texto produzido, graças a essa natureza verbal, permite o estabelecimento de trocas comunicativas dentro dos grupos sociais, pondo em circulação esse sentido humano (p. 14).

Nesse sentido, sendo a literatura capaz de dar conta da totalidade do real e atingir uma significação mais ampla ao abranger o particular, pode-se perceber que mesmo com tantas possibilidades tecnológicas envolvendo o mundo dos alunos, houve um engajamento na leitura proposta na escola. Associada à leitura, a elaboração e atualização de blogs - construídos pelos alunos - contribuiu para o processo de compreensão e externalização das leituras particulares de cada aluno.

Jouve (2002, p.102) afirma que o sentido da obra se dá na relação do leitor com o texto, sugerindo uma entrada inclusive da subjetividade do leitor na discursividade. Nas palavras do autor:

[...] o eu (leitor) que se engaja na obra sempre é, de fato, ele próprio um texto: o sujeito não é nada mais do que a resultante de influências múltiplas. A interação que se produz na leitura é, portanto, sempre inédita. O sentido, longe de ser imanente, se apresenta como resultado de um encontro: o do livro e do leitor.

O leitor, portanto, deve ser considerado como parte fundamental da equação que gera o sentido da obra. E ao gerar sentido, o leitor reflete também sobre seu contexto, sobre sua realidade e é capaz de inferir nela suas reflexões, suas experiências. No universo escolar, o aluno, junto com toda sua longa ou curta experiência de vida, e seu restrito ou vasto repertório pessoal, é fundamental na produção de sentido de um texto literário. O problema muitas vezes se instaura porque a escola ensina o leitor a realizar uma leitura linear da obra, focando sua atenção apenas na anedota relatada, o conteúdo da obra, e ignorando justamente o que faz o texto literário ser obra de arte: os diversos aspectos da ordem estética do livro - questões que o projeto em questão buscou suprir possibilitando ao aluno mais do que foco na história contada e no conteúdo da narrativa.

Considerações sobre os leitores que emergiram da leitura de *A menina que veio de longe*

Batista (1998, p. 37), ao analisar as histórias de vida das professoras de Língua Portuguesa destaca três tipos de leitores. Essas categorias são importantes para pensar o ato de ler que se perpetua através do trabalho desses professores. A primeira categoria de sua análise são as “herdeiras”, categoria de professoras que “naturalmente” iniciaram o processo de formação como leitoras. Em suas casas havia livros, revistas, jornais e outros materiais impressos. Os pais liam e isso era natural, como foi também natural inseri-los no mundo das letras. Nesse sentido, os pais não precisavam insistir ou falar da importância do ato de ler, se formam leitores. Ao verem os pais lendo, cresceram com a leitura, ou em contato com os livros ou impressos

permeando as atividades cotidianas. Nesse caso, era natural que os filhos lessem também, imitando os pais, querendo fazer parte e já sendo “inconscientemente seduzidos” pela leitura familiar.

A segunda categoria, apontada por Batista (1998, p. 40), refere-se ao lema: “ler bem para se dar bem”. Este pensamento mobiliza famílias, geralmente sem ou com pouca escolarização. Investem e insistem na leitura dos filhos como um dos únicos acessos para reverter a história do caos social e intelectual que os pais vivem ou viviam e, por conseguinte, reproduzido pelos filhos. Nesse grupo identificado através da pesquisa, a leitura não era atividade ou prática corriqueira, cotidiana. Nesse caso, os pais cobravam dos filhos a leitura, o estudo, a que não tiveram acesso.

A terceira categoria indicada por Batista (1998, p. 43) refere-se ao leitor escolar, ou seja, as professoras que se formaram leitoras basicamente na escola. Nesse caso, só leem o que é “cobrado” e socialmente aceito como literário. No caso, obras conhecidas nem tanto pelo valor, mas pela fama do autor ou da obra. A reclamação mais frequente do leitor escolar é a imposição e a obrigatoriedade da leitura. Ler para obter a aprovação ou até mesmo porque toda a turma leu e se sente na obrigação de estar incluído.

Os alunos de algum modo encaixam-se nessas categorias ora definidas e junto com Dulce - que “ocupava seu tempo com livros e leituras” (ILHA, 2012, p. 14) - moldaram-se leitores e produtores de textos impressos em papel ou disponibilizados virtualmente no blog criado por eles. Por um lado, aqueles poucos que vêm com o hábito da leitura de casa, o qual pode ser herdado ou influenciado por uma família não leitora e que vê a sua necessidade, e por outro os leitores escolares. Essa afirmação se dá em virtude das observações em relação aos hábitos de leitura dos alunos; faz-se com periodicidade entre os professores de Língua Portuguesa desse grupo o trabalho de solicitar que o aluno conte um livro lido; nos momentos que precedem e culminam na tarefa, consegue observar como cada um lida com o processo, desde aqueles que têm

livros em casa e não encontram dificuldades de escolha até os que dependem de indicação dos professores. Nesses intermédios, observam-se também as reclamações, e as vivas em relação à atividade.

A menina Dulce da história lida,

[...] separava os livros que lia em categorias. Havia os livros infanto-juvenis, os de amor, os de terror, os de mistério, os de teatro. E ia anotando num caderno enorme (porque gostava muito de escrever): os nomes dos livros, os autores, a editora. Escrevia, também, sua opinião sobre os livros. Os preferidos ganhavam cinco estrelas. Os mais chatos ou complicados ganhavam uma carinha triste. Era bem legal fazer isso, porque passava horas e horas lendo para, depois, passar horas e horas escrevendo sobre o que tinha lido (ILHA, 2012, p. 40).

Os alunos não leitores sentiram aí uma empolgação a mais em ler: anotar o que é interessante e escrever sobre. Não só a partir do texto lido, mas de todo o trabalho conjunto constituído a partir da leitura: o blog, os comentários dos colegas e da autora e professores em seus textos, as discussões, as reflexões feitas. Aqueles que já eram leitores assíduos compartilharam com Dulce o que eles próprios já faziam, a saber, catalogavam, resumiam, classificavam conforme faziam as mais diversas leituras em sua via fora da escola ou dentro dela (leituras por puro prazer ou leituras obrigatórias). Os leitores escolares aprenderam assim uma maneira de guardar registros de suas leituras.

Vale lembrar que ao iniciar a experiência de trabalhar com um livro específico para toda a turma e posteriormente com a escola, seria impossível imaginar o engajamento dos colegas, o empenho em realizar o projeto de autor presente na escola. A adesão dos professores em relacionar com suas respectivas disciplinas e práticas pedagógicas agregou ainda mais dinamismo à proposta.

Os resultados desse projeto foram: compilação dos textos produzidos pelos alunos e das produções artísticas relacionadas aos capítulos do livro

(disponíveis em <<http://pt.calameo.com/read/00219654164e465e503ca>>) e o desenvolvimento do blog para registrar e publicar a impressão e o relato dos alunos: < <http://alunosealeitura.blogspot.com.br/>>. Além disso, foi possível contar com a presença da autora do livro nas duas escolas - fato viabilizado pelo apoio dos professores que a levaram - para autografar a obra, conversar com os alunos e realizar atividades que incluíam músicas sobre o livro. Os alunos puderam, assim, perguntar sobre os fatos da vida da autora que pudessem ter relação com a obra, bem como fazer perguntas exclusivas sobre o texto lido. Essas informações sobre a autora foram trabalhadas em sala de aula durante o projeto.

A espera pela autora causou certa incredulidade e, ao mesmo tempo, o interesse dos alunos em ler para poder fazer parte do movimento. Na chegada da autora, todos estavam ansiosos e alguns mais ainda, já que Andréa havia lido as postagens no blog e na rede social e relatado sua surpresa com as produções tão pertinentes. Foi algo inédito para a escola da zona rural. Pode-se dizer que são públicos diversos - os das duas escolas - mas de alguma forma esse dia será considerado diferente em suas memórias escolares.

A partir desse projeto e do trabalho constante com a leitura em sala de aula, pode-se observar que a cada livro trabalhado a percepção da importância de insistir com a atividade e a necessidade de descobrir o caminho das pedras de cada aluno. Também, a busca pela qualificação por parte do professor para compreender melhor o universo do aluno deve ser meta do trabalho docente. A visível mudança de comportamento em cada um é algo instigador e gratificante.

João Ubaldo Ribeiro (2011, p. 10) ao falar de suas memórias de infância, comenta que “[...] nada, porém, era como os livros. Toda a família sempre foi obsedada por livros e às vezes ainda arma brigas ferozes por causa de livros, entre acusações mútuas de furto ou apropriação indébita”. Essa sensação de que nada é como os livros talvez seja o objetivo de todos aqueles que se

engajaram a trabalhar com seus alunos a leitura. No caso do projeto citado, houve a possibilidade de oportunizar o contato com a autora, além de fazê-los escritores e leitores de seus próprios textos e de suas ansiedades e inquietações, e das de seus colegas. Mas o trabalho com a leitura é uma tarefa permanente que guia o processo de aprendizagem do grupo de professores incluídos nesse contexto citado.

Com a iniciativa de fazer o livro chegar ao aluno e de incentivá-lo a ler, percebe-se que vão aparecendo leitores submersos que nunca tiveram a oportunidade de cruzarem suas vidas com um livro, de dispensarem alguns minutos de vida com um objeto desconhecido até então. A partir do primeiro livro afirmam a importância da leitura e da interação com o meio. Não somente pelo ato de ler, mas pelas implicações de ordem de crescimento intelectual, visão de mundo, das relações que os cercam, uma noção a mais da realidade da qual fazem parte. Passam a entender que não são somente espectadores, mas sujeitos de suas vidas.

A pertinência pedagógica pode estar no sentido de que cada texto pode oferecer ao aluno o conhecimento de assuntos que não domina, a formação de opinião, o contato com palavras novas, a aquisição de vocabulário, a ampliação do sentido global do texto, a relação e a pertinência com sua vida e a de outras pessoas, o sentido de territorialidade e de pertencimento, a agregação de valores. Existe sempre um aprendizado, em maior ou menor grau, em cada atividade que o aluno realiza. No caso do blog, o aluno pode sentir que é autor, seu texto sairá da esfera privada e cairá na esfera pública, visto que a autora do livro já acessou ao blog e postou comentários, além de muitos outros leitores ou navegadores da internet que se depararão com os escritos publicados virtualmente.

Referências

- AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. *Literatura: a formação do leitor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- ÂNGELO, Ivan. *A festa*. São Paulo: Geração, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Os professores são “não-leitores”? In: MARINHO, Marildes; SILVA, Ceris Salete Ribas. *Leituras do professor*. São Paulo: Mercado de Letras, 1998.
- BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Orientações curriculares para o ensino médio*. Volume 1. Brasília: Ministério da Educação / Secretaria de Educação Básica, 2006. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf>. Acesso em: 2 maio 2014.
- CANDAU, Joël. *Antropología de la memoria*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2006.
- CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2011.
- CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Nacional, 1965.
- DI FANTI, Maria da Glória. A linguagem em Bakhtin: pontos e pespontos. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 7, n. 1-2, p. 95-111, jan./dez. 2003.
- DUTRA, Daniel Iturvides. Literatura e leitura no mundo atual: apontamentos sobre a influência das novas tecnologias no processo de leitura e produção de sentido. In: GOMES, Neiva Maria Tebaldi; GOMES, Leny da Silva. *Caderno do III Colóquio sobre Ensino de Língua e Literatura*. Porto Alegre: UniRitter, 2009. Disponível em: <http://uniritter.edu.br/editora/III_coloquio/index.php?pg=cap4>. Acesso em: 26 maio 2015.
- GUTERRES, Fabiola. *Leitura... opiniões e atualidades de “meninos e meninas que vieram de longe”*. 2013. Disponível em <http://alunosealeitura.blogspot.com.br/2013_10_01_archive.html>. Acesso em: 10 jun. 2015.
- ECO, Umberto. *Sobre os espelhos e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- FRANCO, Renato. *Itinerário político do romance pós-64*. São Paulo: ENESP, 1998.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. 41. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- GERALDI, João Wanderley. *O texto na sala de aula: prática da leitura de textos na escola*. 2. ed. Cascavel: Assoeste, 1984.

- GOULEMONT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentido. In: CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- ILHA, Andréa. *A menina que veio de longe*. São Paulo: All Print, 2012.
- JOUVE, Vincent. *A leitura*. São Paulo: Edunesp, 2002.
- KLEIMAN, C. *Oficina de Leitura*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- KLUG, Marlise Buchweitz; TUNES, Mara. *Nossas interpretações sobre A menina que veio de longe*. 2013. Disponível em: <<http://pt.calameo.com/books/00219654164e465e503ca>>. Acesso em: 10 jun. 2015.
- LANDSMAN, Liliana Tolchinsky. *Aprendizagem da linguagem escrita*. São Paulo: Ática, 2003.
- MELO NETO, João Cabral de. *A descoberta da literatura*. 2008. Disponível em: <<http://leaoramos.blogspot.com.br/2008/03/joo-cabral-de-melo-descobriu-literatura.html>> Acesso em: 30 out. 2013.
- MOURA, Patrícia. *Leitura... opiniões e atualidades de “meninos e meninas que vieram de longe”*. 2013. Disponível em: <http://alunosealeitura.blogspot.com.br/2013_10_01_archive.html>. Acesso em: 3 maio 2014.
- PINTO, Júlio Pimentel. *A leitura e seus lugares*. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.
- SILVA, Vanieli dos Santos. *Leitura... opiniões e atualidades de “meninos e meninas que vieram de longe”*. 2013. Disponível em: <http://alunosealeitura.blogspot.com.br/2013_10_01_archive.html>. Acesso em: 10 jun. 2015.
- RIBEIRO, João Ubaldo. *Um brasileiro em Berlim*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.
- SIBILIA, Paula. A escola no mundo hiperconectado: redes em vez de muros? *Matrizes*, São Paulo, ano 5, n. 2, p. 195-211, jan./jun. 2012. Disponível em <www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/.../pdf>. Acesso em: 10 jun. 2015.
- SMOLKA, Ana Luiza. A atividade da leitura e o desenvolvimento das crianças: considerações sobre a constituição de sujeitos leitores. In: SMOLKA, Ana Luiza et al. *Leitura e desenvolvimento da linguagem*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.
- THOMAS, Henry. *A história da raça humana*. São Paulo: Globo, 1967.
- WIKIPEDIA. Belo Horizonte, clima. [s.d.]. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Belo_Horizonte#Clima>. Acesso em: 10 jun. 2015.